

# Contribuições de G.H. MEAD para pensar a comunicação<sup>1</sup>

Vera V. França<sup>2</sup>

*RESUMO: Fazemos, neste trabalho, uma leitura da obra clássica de G.H. Mead - identificado como “fundador do interacionismo simbólico” - Mind, Self and Society, buscando explorar o tratamento conferido nesta obra e no pensamento do autor à temática da comunicação. Mead confere um papel central à comunicação em suas reflexões sobre a constituição dos atos sociais: a comunicação diz respeito aos gestos que compõem esses atos, os gestos significativos, e ela é o instrumento que possibilita a reflexividade (a relação ternária) entre as diversas fases do processo social. É através da comunicação que se desenvolve o espírito, o self e a organização da vida social.*

---

Já há alguns anos as contribuições da corrente comumente chamada de interacionismo simbólico vêm sendo reivindicadas pelos estudos da comunicação, mas a referência a esta corrente são ainda pouco sistemáticas. Autores próximos, como E. Goffman<sup>3</sup>, são resgatados, e seus conceitos, ampliados para além da esfera das relações face-a-face, têm mostrado grande aplicabilidade também no campo da comunicação midiática.

No entanto o próprio G. H. Mead, identificado como “pai fundador” desta tradição, permanece como uma referência remota. Ele vem sendo relido e redescoberto pelas ciências sociais, particularmente nas discussões sobre a construção do sujeito e sobre a intersubjetividade. Mas uma leitura mais cuidadosa de seu trabalho, voltada para o campo comunicacional, ainda não foi feita. Este é o propósito deste texto; uma leitura de sua obra clássica *Mind, Self and Society*<sup>4</sup>, com vistas a explorar suas contribuições para pensar a comunicação.

Mead não foi um teórico da comunicação, mas esta ocupa sem dúvida um lugar muito importante na questão central de sua reflexão, que é a correlação entre a experiência e as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. [veravfranca@yahoo.com.br](mailto:veravfranca@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Embora o próprio Goffman negasse qualquer filiação, sua inserção numa perspectiva interacional é inequívoca.

<sup>4</sup> Neste trabalho, todas as citações foram retiradas da tradução francesa desta obra : MEAD, George-Herbert. *L'esprit, le soi et la société*. Paris: PUF, 2006.

condições onde ela se produz, entre o indivíduo e o mundo comum. As palavras “comunicação”, “processo comunicativo”, “linguagem” são repetidas reiteradamente ao longo dos vários capítulos de seu livro, o que nos permite e nos incita a explorar o uso e a natureza desse conceito para o autor. Afinal – e esta é a pergunta que orienta nosso trabalho – o que é a comunicação para George-Herbert Mead?

**O gesto.** A comunicação se inscreve em sua descrição do ato social, e diz respeito aos gestos que o realizam. Os gestos fazem parte do ato social; eles estabelecem o início do ato e constituem um estímulo para os outros organismos que dele participam.

Qual é o mecanismo de base do processo social? É o gesto, que torna possível as respostas apropriadas dos diferentes organismos individuais engajados nesse processo. Em todo ato social, um ajustamento se produz, por meio dos gestos, entre as ações dos diferentes organismos. Os movimentos gestuais do primeiro organismo agem como estímulos específicos que provocam as respostas socialmente apropriadas do segundo organismo. (p. 106, npp)

O gesto existe em função de sua vinculação com a atitude, e ele é o meio, o mecanismo que permite o ajustamento entre as ações dos diferentes organismos.

**Gestos significativos.** Entre os gestos, alguns têm uma natureza especial: são os gestos significativos, gestos que contém em sua base uma idéia, ou significação. Existe comunicação quando os gestos se tornam símbolos significativos, quando eles fazem parte de uma linguagem e trazem um sentido partilhado por todos os indivíduos envolvidos na ação: “A contribuição da linguagem consiste em um conjunto de símbolos comuns que, correspondendo a certos conteúdos, são idênticos na experiência dos diferentes indivíduos.” (p. 141).

A presença de estímulos e respostas em uma interação não é suficiente para que haja comunicação. Em muitos casos (no comportamento de uma multidão, ou no trabalho cooperativo das abelhas e das formigas, por exemplo), podemos encontrar uma conversação por gestos sem a presença dos símbolos significativos. Um gesto que convoca a resposta apropriada de outros organismos (um animal que sinaliza para o restante do grupo a presença de perigo), assim como a simples resposta inteligente dos diferentes membros do grupo a esse estímulo, em si mesmos não cofiguram um processo comunicativo. Mead fala de duas situações distintas:

em uma delas [o exemplo da formiga], existe uma atividade social bastante complexa, onde os gestos não são senão estímulos para a resposta apropriada de todo

o grupo; na outra [situação], do homem, respostas apropriadas são mediatizadas por símbolos particulares que têm o mesmo sentido para todos. (p.142-3)

É a linguagem, a presença de símbolos que confere a particularidade de certas interações caracterizadas por Mead de “conversação consciente”; uma significação aparece e atua na conversação apenas na medida em que os indivíduos são conscientes dela:

O processo de comunicação se torna possível na conversação de gestos conscientes, onde cada um dos indivíduos que dela participa está consciente dessa conversação, precisamente porque essa significação aparece em sua experiência e que a consciência dessa significação implica tal aparição. (p.155, npp)

**Dupla afetação.** Os gestos, como indicado acima, são estímulos que devem provocar uma resposta do organismo ao qual eles se dirigem, mas os gestos significativos têm uma particularidade: essa consciência da significação faz com que eles afetem não apenas o outro ao qual se dirigem, mas igualmente aquele que o produz. O estímulo, na comunicação humana, é um estímulo para o outro, mas também para aquele que o emitiu, e provoca uma respostas dos dois organismos.

... que longo caminho deve atravessar o discurso ou a comunicação, desde a situação onde não existem senão gritos vocais até aquela onde se utiliza gestos significativos. O que é particular a esta última é que o indivíduo responde a seu próprio estímulo da mesma maneira que os outros. (p.151)

O que acontece para que um indivíduo possa responder a seu próprio estímulo? Ele faz isto assumindo o papel do outro, a partir e através de sua provável resposta. É pela participação do/no outro que o indivíduo pode ver-se a si mesmo como o outro o vê, e pode controlar seu próprio comportamento da mesma maneira como procura intervir no comportamento do outro. A aposta central da comunicação é esta afetação mútua: “É este controle da resposta do indivíduo, graças à absorção do papel do outro, que produz o valor desse tipo de comunicação para a organização da conduta do grupo.” (p.305-306). Na comunicação, assim, os dois indivíduos se encontram igualmente implicados, são igualmente convocados, e ambos sofrem modificações.

**Antecipação e escolha.** A significação de um gesto indica aquilo ao qual reagimos e antecipa o conjunto das reações que o gesto pode suscitar. Ela estabelece a relação do gesto com o comportamento posterior (com as fases seguintes do ato), e permite que possibilidades futuras sejam percebidas com antecedência; é graças à significação que podemos identificar alternativas, selecionar as respostas e retê-las no organismo (p.176). O indivíduo que faz um gesto incorpora nesse gesto passado e futuro. A linguagem instaura assim uma nova

temporalidade na ação humana, e é desta maneira que as últimas fases de um ato afetam as primeiras, e aquilo que é um estímulo é também uma resposta (porque responde antecipadamente à resposta que vai produzir), e aquilo que é uma resposta é também um estímulo (porque age retrospectivamente no estímulo).

Um símbolo contém a possibilidade de produzir em nós o mesmo conjunto de respostas que produz no outro, mas a definição do símbolo significativo vai além disso: a resposta que uma palavra como 'cadeira' ou 'cachorro' produz em nós é ao mesmo tempo um estímulo e uma resposta. É nisto que consiste o sentido ou a significação de uma coisa. (p.163)

**Relação ternária.** Essa reversibilidade, essa dupla natureza do gesto significativo marcam sua inscrição relacional (ele existe no e através do outro) e realiza um tríplice movimento na construção do ato social: a) a relação do gesto à resposta do outro organismo, b) o ajustamento recíproco desse segundo organismo, c) a finalização do referido ato:

A natureza da significação se encontra na estrutura do ato social, implícita na relação ternária entre estes três componentes: o gesto do indivíduo, a resposta a este gesto de um segundo indivíduo e o acabamento do ato iniciado pelo gesto do primeiro. (p.163).

**Arco reflexo.** A comunicação é então um tipo de gesto - os gestos significativos -, que são ao mesmo tempo estímulos e respostas. Mas ela é sobretudo um processo; o que se passa na conversação por gestos conscientes é um processo de indicação de certos estímulos e de seleção e modificação das respostas a estes estímulos no sistema de comportamento. Trata-se de um ato composto de fases que se influenciam.

De forma completamente distinta do modelo estímulo-resposta de Watson, dotado de uma estrutura linear e mecânica, Mead resgata o arco reflexo de J.Dewey: não se trata aqui de uma relação causal, mas de uma dinâmica circular, de um movimento de reflexividade. E esta reflexividade só é possível pela capacidade de utilização de gestos conscientes, que é um atributo do animal humano.

Percebemos assim a extrema importância da comunicação no pensamento de Mead; ela é inseparável do ato social que ajuda a realizar. Como componente do ato, a comunicação intervém na construção do *espírito*, do *self* e da *sociedade* (conceitos-chave que o autor utiliza para superar o dualismo indivíduo-sociedade e pensar sua gênese conjunta).

**Espírito.** O espírito é a inteligência reflexiva do animal humano (p.193), e ele “aparece quando o organismo é capaz de apontar significado aos outros e a si mesmo” (p.205). A

comunicação intervém na construção do espírito porque ela faz aparecer um outro tipo de indivíduo<sup>5</sup>, dotado da capacidade de respostas diferenciadas (p.305). A resposta diferenciada é necessária à conduta inteligente, a qual, por sua vez, compreende essencialmente um processo de escolha entre possibilidades alternativas<sup>6</sup>. Este processo de produzir respostas diferenciadas, de operar através de seleções e de escolhas se deve à comunicação e à linguagem.

O mecanismo que permite analisar as respostas, de decompô-las e de reconstruí-las depende do cérebro enquanto tal; e a comunicação é o meio pelo qual o indivíduo exerce um controle sobre esse processo. (.....) O processo de comunicação coloca simplesmente a inteligência a serviço do indivíduo. Mas o indivíduo que dispõe desta capacidade é um indivíduo social. (p.296 - grifo nosso)

Opondo-se à análise de Wundt, segundo a qual a comunicação pressupõe a existência de espíritos capazes de se comunicar (e onde, então, a existência do espírito permanece “um mistério inexplicável”), Mead ressalta a antecedência da comunicação: “Não é mais a comunicação que é um produto do espírito. O espírito emerge pela comunicação, através de uma conversação de gestos, em um processo ou contexto social.” (p.138)

*Self*. O espírito, por sua vez, é essencial na construção do self, isto é, da personalidade social do indivíduo, do indivíduo que pode se colocar no lugar do outro e se tornar um objeto para si mesmo<sup>7</sup>. Donde se conclui também o papel da comunicação: “... o indivíduo não ascende ao self senão pela comunicação, pelo desenvolvimento de processos sociais por meio da troca de significações.” ( p.288 - grifo nosso)

O self se constitui pela organização das atitudes comuns ao grupo, através da importação de suas atividades mais gerais; a estrutura sobre a qual ele se forma é esta resposta partilhada por todos que, uma vez interiorizada, constitui o pensamento ou a reflexão do indivíduo (p.238). É o ‘outrem generalizado’<sup>8</sup> que proporciona ao indivíduo a unidade do self. Quando a conversação de gestos é introduzida na conduta do organismo individual, de maneira que a atitude dos outros pode afetar o organismo e que este pode responder a ela por meio do

<sup>5</sup> « Parece que é a partir dessas trocas de gestos que nasce a comunicação significativa, graças à qual aparece um outro tipo de indivíduo (.....) Esta capacidade de ser afetado por nossos próprios gestos assim como de afetar a conduta dos outros está no princípio da emergência da forma singular que é o organismo social humano.” (p.289)

<sup>6</sup> « A inteligência é, em grande medida, capacidade de escolher.” (p. 178)

<sup>7</sup> O self é essencialmente um processo social que se desdobra em duas fases distintas, o ‘eu’ e o ‘mim’: “o ‘eu’ convoca o ‘mim’ e lhe responde. Tomados juntos, eles constituem a personalidade tal como ela se manifesta na experiência social.” (p.242)

<sup>8</sup> « A comunidade organizada ou o grupo social que dá ao indivíduo a unidade de seu próprio self pode ser chamada de ‘outrem generalizado’ ». (p.223)

gesto correspondente, fazendo emergir a atitude dos outros no seu próprio processo, então emerge um self (p.233).

**Sociedade.** A comunicação é igualmente importante na organização e transformação da sociedade: “o *princípio fundamental na organização social é aquele da comunicação que implica uma participação em outrem*” (p.304 - grifo nosso), nos diz Mead. A sociedade existe enquanto atividade cooperativa de indivíduos, enquanto realização permanente de atos e trocas possibilitadas pela comunicação. É a organização produzida pela linguagem e a emergência do self que permitiram o desenvolvimento da sociedade humana.<sup>9</sup>

Se a comunicação exerce um papel fundamental na formação dos indivíduos através da interiorização das respostas comuns da sociedade, bem como na organização da vida social através da criação de uma sociedade de selves, é ela também que ajuda a explicar suas transformações.

Nós não somos apenas e simplesmente os produtos da sociedade. Tomamos parte em uma conversação na qual aquilo que dizemos é escutado pela sociedade, e sua resposta [da sociedade] é afetada por aquilo que temos a dizer. (.....) *É desta maneira que a sociedade se transforma.* (p.234 - grifo nosso)

**Antecedência do social.** Esta importância da comunicação não deve no entanto levar à sua reificação, e não se pode esquecer que ela é sempre sustentada por relações sociais; na base da participação dos indivíduos em um processo de comunicação se encontra seu engajamento coletivo em uma atividade cooperativa (p.308). Não se pode negligenciar (e esta é a crítica que Mead faz a Watson) o contexto social da linguagem: “os gestos, se nós os remetemos à matriz da qual eles procedem, implicam sempre um ato social mais amplo do qual eles são fases.” (p.153 npp) Não é o processo de comunicação que torna possível o processo social, mas o contrário: “*O pensamento e a comunicação não podem ser reificados como existindo por si mesmos e como fundadores do processo social. Ao contrário, eles pressupõem o processo social como condição de possibilidade.*” (p.310 - grifo nosso)

A comunicação, ele destaca, é um meio, “é o *medium das atividades cooperativas em uma sociedade consciente de si*” (p.309). A situação primeira, o dado fundamental, ele insiste sempre, é o ato social.

---

<sup>9</sup> « É o self como tal que torna possível a sociedade humana naquilo que ela tem de distintivo. É verdade que *uma certa atividade cooperativa precede a emergência do self.* » (p.293-4 – grifo nosso)

*Ato social e comunicação.* Mas o que é este ato, afinal de contas, e o que esta discussão acrescenta à análise da comunicação? Duas idéias são centrais na formulação de Mead.

Inicialmente, todo ato social é uma interação, ação partilhada, levada a termo em conjunto : “O ato social compreende a interação de diferentes organismos, isto é, sua adaptação mútua” (p.133);

Em segundo lugar, o ato é um todo, formado de partes, e o todo é anterior às partes:

Para a psicologia social, a totalidade (a sociedade) é anterior à parte (indivíduo). (.....) O ato social não se resume à soma de estímulos e respectivas respostas. O ato social é uma totalidade dinâmica, em desenvolvimento, e da qual nenhuma parte pode ser compreendida nela mesma. O ato social é um processo orgânico complexo que está implicado em todos os estímulos e em todas as respostas dos indivíduos que dele fazem parte. (p.100)

Tal perspectiva traz implicações importantes para a análise da comunicação. Se esta vem assim encravada no ato – o que destaca sua dimensão prática, pragmática -, o ato social de Mead ultrapassa a própria noção de ato<sup>10</sup>, e se inscreve no domínio da *interação*, onde um e outro estão sempre, e desde o início, implicados. E este ato, ou processo interativo, é uma *globalidade*, uma sequência de fases imbricadas – o que indica a dificuldade (ou a insuficiência) de toda tentativa de isolar e analisar uma única fase. A comunicação não existe senão no todo do qual ela faz parte e ajuda a realizar; ela e o ato são um todo, um encadeamento de fases nas quais dois organismos (dois indivíduos ou grupos) se encontram o tempo todo implicados – donde se pode concluir que ela não pode ser tratada em si mesma, fora do ato, que não pode ser apreendida e compreendida a partir de apenas uma de suas fases, nem a partir de apenas um dos sujeitos envolvidos. Ela diz respeito exatamente à relação que existe entre eles, ela é o instrumento que permite que entre eles se construa um certo tipo de interação.

Então, tomando como referência as questões colocadas por Mead, não é possível analisar a intervenção de um emissor sem levar em conta o outro a quem ele se dirige e cujas respostas potenciais (as respostas do outro imediato e de Outrem – o grupo ao qual pertencem) já atuam com antecedência sobre o seu dizer; não é possível analisar o receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito daquela relação; não é possível analisar um gesto significativo sem saber a quem e a que ele serve; não é possível

---

<sup>10</sup> Atos ou ações são realizados por sujeitos – tal conceito, tomado de forma estrita, remete à perspectiva do individualismo metodológico.

extrair esses gestos da matriz da qual eles procedem, da situação na qual eles estão inscritos; não é possível analisar uma fase do ato social sem levar em consideração seu encadeamento numa sequência de outras fases. A contribuição da perspectiva meadiana não se resume a indicar a sequência e a articulação do estímulo e da resposta (ou, em termos comunicacionais, a pensar o papel do emissor e também o do receptor), mas tem como núcleo central a reflexividade, a estrutura ternária do processo.

Como dissemos no início, Mead não foi um teórico da comunicação; nosso pensador se apresentava como um “behaviorista social” – um pesquisador do campo da psicologia social que recusou as explicações individualistas do comportamento humano, mas também a exterioridade de um social imune às ações dos indivíduos. Buscando pensar as interseções e a dinâmica constitutiva dos indivíduos e da sociedade, numa reflexão de inspiração pragmatista, ele chegou na comunicação. Cabe a nós, que trabalhamos no campo das teorias da comunicação, tirar as consequências.

A matriz de sua reflexão sugere percorrer o mesmo caminho, agora em sentido inverso: tomando como ponto de partida e eixo de nossas análises a comunicação, é preciso não negligenciar sua inserção prática, não descolá-la do ato no qual ela se inscreve. Para estudar a comunicação, assim, é a situação de comunicação que deve ser o alvo de nossa leitura, é a estrutura ternária do ato que devemos nos interessar: estímulos que são respostas, respostas que são estímulos; respostas comuns que orientam respostas particulares, respostas particulares que se inserem e realizam uma ordem instituída.

O estudo da comunicação compreende então o estudo de um ato que se desenvolve (dimensão prática) e da relação que aí toma forma (dimensão relacional) através de gestos significativos. Trata-se de recortar as intervenções concretas dos indivíduos implicados, isto é, os gestos, as atitudes, assim como as significações que as animam (dimensão simbólica, presença do sentido), buscando captar o movimento reflexivo que orienta a configuração do processo.

Nem toda interação, como apontado anteriormente, é comunicativa. Mead distinguiu dois tipos de gestos, e essa distinção nos permite localizar as interações comunicativas naquelas que se utilizam de gestos significativos. É a presença da significação, da linguagem que delimita nosso terreno – embora os limites entre os dois campos sejam tênues.

Pensemos em um exemplo concreto – a copa do mundo de futebol. Podemos ver aí interações de várias naturezas. O futebol é um jogo regulamentado, uma interação complexa onde cada jogador deve ajustar sua própria conduta à conduta dos outros e às regras do jogo. Em si mesmo, enquanto prática esportiva, um jogo é uma interação, mas não uma interação comunicativa. Não obstante, ele é permanentemente atravessado por interações comunicativas: cada jogo, cada situação vivida no campo e em torno dos jogos se vê desdobrada e cercada de comunicações de todo tipo. Existem as interações comunicativas diretas, estabelecidas entre os jogadores, o técnico, o juiz etc., e existem as interações mediatizadas, que tomam forma na rede que se estabelece entre os profissionais do esporte (jogadores, técnicos etc.), profissionais da comunicação (reporteres, câmeras, comentaristas, agentes publicitários etc.) e o grande público que se constrói em torno da copa. Os exemplos de tais interação são múltiplos: a narração de um jogo pela televisão, onde um narrador traduz em palavras aquilo que se passa no campo e que vemos nas imagens; as análises que são difundidas na mídia antes e após os jogos; a publicidade que se utiliza das diversas representações produzidas e disponibilizada pela copa e assim por diante.

Existe uma distinção importante entre esses dois tipos de interação; mesmo se ambos se constroem através de relações complexas, e todas as interações supõem um saber fazer e um sentido partilhado, a prática que elas desenvolvem tem uma natureza e objetivos bastante diferentes. A primeira, jogar o futebol, é uma prática de correr, chutar a bola, driblar o adversário e estar em coordenação com os parceiros do time. A outra é uma prática de palavra (no seu sentido largo – expressão humana de sentido), de construção e difusão de material discursivo. Tanto quanto a outra, ela é uma prática, tem uma dimensão material e concreta, mas aquilo que ela produz, o que ela torna disponível são gestos significativos – gestos para evocar sentidos no outro. Joga-se para fazer gol, vencer o adversário, se defender, enfim, cumprir as regras e as metas do jogo. Fala-se para tocar o outro, interferir no comportamento do outro. A situação de interagir mexe com todos os sujeitos envolvidos no ato; interagir através de gestos significativos faz intervir na ação em curso um mundo paralelo – um mundo de possibilidades, de escolhas; uma temporalidade condensada – em que passado e futuro são acionados e intervém na ação presente dos atores.

Estas interações se cruzam o tempo todo, e é muito difícil estabelecer uma fronteira nítida entre elas. Aquilo que se fala depende em grande parte do que se passa no campo e nos lances do jogo: o comentarista esportivo tem como ponto de partida aquilo que efetivamente

aconteceu / está acontecendo no jogo, sejam as próprias jogadas, a arbitragem, ou outras atitudes e intervenções possíveis, como a comemoração de um artilheiro ao fazer o gol, uma briga entre jogadores, a invasão de campo de um torcedor. Jogadores que têm maior destaque em campo são invariavelmente os alvos prediletos da mídia, estrelam campanhas publicitárias, têm sua vida pessoal monitorada o tempo todo. Da mesma maneira, o fato de jogar para ser visto, para constituir um espetáculo intervém o tempo todo na maneira de jogar, afeta a performance individual dos jogadores e mesmo as regras do jogo. É bastante conhecida a alteração do desempenho de um time jogando no próprio terreno ou no campo do adversário, e vitórias fora de casa recebem inclusive uma pontuação diferente em alguns campeonatos. Após a última copa do mundo, a FIFA iniciou algumas discussões sobre possíveis alterações que possibilitassem mais gols nos jogos, aumentando sua emoção para um público que hoje é mundial. Enfim, os exemplos de como as interações comunicativas atravessam e reorientam o conjunto de nossas interações são inúmeros.

Fazendo um balanço das contribuições de Mead, não cabe perguntar sobre o que elas trazem de novo – dado que elas são anteriores à maioria dos autores e teóricos que alimentam as reflexões sobre a comunicação na contemporaneidade. Mais apropriado seria indagar sobre o quanto elas guardam de atualidade, e o quanto elas antecipam questões que atravessam as reflexões contemporâneas. Naturalmente não encontramos em seu pensamento uma teoria que responda a todos os desafios trazidos pela comunicação; muitos aspectos (o tratamento da linguagem, o processo de significação, os conceitos de representação e imagem) são pouco desenvolvidos por ele. Mas para pensar o processo comunicativo, a dinâmica relacional, a configuração das interações, sua contribuição é insubstituível. Os atuais estudos da recepção são devedores de seu pensamento – e a metodologia de pesquisa nesse campo ainda não deu conta de responder a contento à presença da relação ternária, da reflexividade (do arco reflexo), dos indivíduos e comportamentos que se constroem em relação, face ao outro. O pensamento de Mead nos coloca ainda hoje um desafio; ele fala da comunicação como momento de costura, de construção, de transição. A comunicação, portanto, é da ordem do movimento. Nosso desafio é desenvolver os instrumentos adequados para captar esse movimento.

Mas esta é uma outra etapa – que não encontramos em Mead, e está colocada para nós, pesquisadores que nos aventuramos no terreno da epistemologia de nosso campo de estudo.